

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os extraterrestres

Lago Jud

Pluralidade de mundos (também conhecida como pluralismo cósmico)<sup>1</sup> é o termo histórico que descreve a crença de que o universo é permeado por mundos orbitando seus respectivos sóis e que estes são povoados por seres sencientes e inteligentes. É o termo do qual deriva o conceito de “vida extraterrestre” do século XX, e possui uma longa e rica história que começou na Grécia Antiga e atingiu seu ápice no século XIX.<sup>2</sup> Um estudioso denominou a segunda metade do século XIX como a “Era de Ouro da ideia de pluralidade”.<sup>3</sup>

Assim, a vida de Ellen White (1827-1915) foi marcada pela pluralidade de mundos, um tema recorrente nos escritos de cientistas, filósofos, pregadores e teólogos. Seus comentários sobre habitantes de outros mundos tornam-se ainda mais interessantes quando lidos sob essa perspectiva histórica. contexto.

As frequentes referências de Ellen White, em seus escritos, a inúmeros mundos não caídos por todo o universo capturaram a atenção daqueles que escrevem sobre o debate da vida extraterrestre. O historiador Michael Crowe, por exemplo, menciona Ellen White em sua abrangente obra \* *The Extraterrestrial Life Debate: 1750-1900*\*, como alguém que “forneceu à sua igreja o que poucas congregações podem reivindicar: uma teologia que incorpora seres extraterrestres”.<sup>4</sup> Ele está correto, pois é precisamente isso que Ellen White faz

---

1. “Pluralismo Cósmico”, *Wikipédia*, última modificação em 20 de maio de 2022, acessado em 21 de maio de 2022. [https://en.wikipedia.org/wiki/Cosmic\\_pluralism](https://en.wikipedia.org/wiki/Cosmic_pluralism).

2. Ver Stephen Dick, *Plurality of Worlds: The Origins of the Extraterrestrial Life Debate from Democritus to Kant* (Nova Iorque: Cambridge University Press, 1982), 2; Stephen Dick, *Life on Other Worlds: The 20th-Century Extraterrestrial Life Debate* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

3. Karl Guthke, *A Última Fronteira: Imaginando Outros Mundos da Revolução Copernicana à Ficção Científica Moderna* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1990), 326.

4. Michael J. Crowe, *The Extraterrestrial Life Debate, 1750-1900* (Nova York: Dover, 1999), 241. Para outros que fazem referência ao pluralismo de Ellen White, veja Joel L. Parkyn, *Exotheology: Theological Explorations of Intelligent Extraterrestrial Life* (Eugene, OR:

O que ela fez ao longo de sessenta anos. Desde sua primeira visão de um outro mundo e seus habitantes, publicada em 1849, até suas referências teologicamente mais sofisticadas aos mundos não caídos em anos posteriores, ela permaneceu consistente em sua doutrina do pluralismo.

O exame do pluralismo teológico de Ellen White pode ser considerado parte de um novo ramo da teologia identificado como exoteologia (também chamada de astroteologia), a reflexão teológica sobre questões relacionadas à existência de inteligência extraterrestre. Questões como o pecado no universo, múltiplas encarnações/expias e conversão alienígena são tópicos de intenso debate, mas estão além do escopo deste artigo.

O objetivo aqui é determinar a finalidade do pluralismo nos escritos de White e compreender suas características distintivas em relação a outros autores religiosos que abordaram o pluralismo no século XIX. Para atingir esse objetivo, apresentarei, em primeiro lugar, o contexto histórico do pluralismo de White; e, em segundo lugar, descreverei diversas características distintivas de seu pluralismo por meio da análise de outros autores contemporâneos que trataram do tema.

---

Pickwick, 2021), 73–74; Thomas F. O'Meara, *Vast Universe: Extraterrestrials and Christian Revelation* (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2012), 108; e David A. Weintraub, *Religiões e vida extraterrestre: como lidaremos com isso?* (Cham et al.: Springer, 2014), 146–49.

5. Parkyn, *Exoteologia*; e Ted Peters, ed., *Astroteologia: Ciência e Teologia se Encontram - Vida extraterrestre* (Eugene OR: Wipf e Stock, 2018).
6. Para fontes sobre a discussão contemporânea, veja, por exemplo, além das obras nas duas notas anteriores, James R. Lewis, ed., *The Gods Have Landed: New Religions from Other Worlds* (Albany: State University of New York Press, 1995); David Wilkinson, *Alone in the Universe?* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997); Steven Dick, ed., *Many Worlds: The New Universe, Extraterrestrial Life & the Theological Implications* (Filadélfia e Londres: Templeton Foundation Press, 2000); Marie I. George, *Cristianismo e Extraterrestres? Uma Perspectiva Católica* (Nova York: iUni-verse, 2005); Cynthia Anne Miller Smith, *Sombras do Futuro: As Implicações Teológicas da Vida Inteligente em Outros Mundos* (Blountsville, AL: Cynthia Anne Miller Smith, 2010); Marshall Vian Summers, *A Realidade e a Espiritualidade da Vida no Uni-verso* (Boulder, CO: The Society for the New Message, 2012); David Wilkinson, *Ciência, Religião e a Busca por Inteligência Extraterrestre* (Oxford: Oxford University Press, 2013); Paul Levinson e Michael Waltemathe, eds., *Tocando a Face do Cosmos: Sobre a Intersecção entre Viagem Espacial e Religião* (Nova York: Connected Editions, 2016); Olli-Pekka Vainio, *Cosmologia em Perspectiva Teológica: Compreendendo Nosso Lugar no Universo* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2018); sem mencionar a proliferação de artigos que tratam dos muitos aspectos da exoteologia, numerosos demais para listar aqui.

## Contexto histórico

### Origens da Pluralidade

A história da pluralidade de mundos encontra suas origens nos filósofos atomistas pré-ocráticos e foi exaustivamente documentada por historiadores do movimento, como Michael J. Crowe e Stephen Dick, portanto, aqui farei apenas um resumo.<sup>7</sup> Após sua estreia entre os atomistas, a pluralidade de mundos foi eclipsada pela cosmologia aristotélica, com seu universo geocêntrico, até meados do Renascimento europeu. A revolução copernicana, com seu sistema solar heliocêntrico, abriu caminho para que a pluralidade de mundos eventualmente retornasse e capturasse a imaginação de cientistas, filósofos e teólogos durante os séculos XVII e XVIII.

O historiador intelectual Arthur Lovejoy propôs cinco teses que capturavam as inovações da cosmologia heliocêntrica, geralmente aceita no final do século XVII e que perdurou até o século XIX: (1) os planetas do nosso sistema solar são habitados por seres inteligentes; (2) o universo geocêntrico medieval foi substituído por um universo infinitamente ilimitado; (3) as estrelas fixas são sóis como o nosso e estão rodeadas por sistemas planetários; (4) os outros mundos nesses sistemas são habitados por seres conscientes; e (5) o universo contém um número infinito de sistemas solares.

A doutrina da pluralidade de mundos habitados por vida inteligente ganhou força durante o século XVIII, quando muitos intelectuais do Iluminismo, bem como escritores religiosos, defenderam a ideia, como Alexander Pope (1688-1744) e Thomas Wight (1607-1674), Edward Young (1683-1765), Johann Lambert (1728-1777), Immanuel Kant (1724-1804) e William Herschel (1738-1822). Na América do século XVIII, o conceito foi defendido por diversas figuras proeminentes, como Thomas Paine (1737-1809), David Rittenhouse (1732-1796), John Adams (1735-1826) e Benjamin Franklin (1706-1790). Além da revolução copernicana, o

---

7. Para mais detalhes, consulte Dick, *Plurality of Worlds*; Crowe, *The Extraterrestrial Life Debate*; Guthke, *The Last Frontier*; e Pierre Connes, *History of the Plurality of Worlds: The Myths of Extraterrestrials Through the Ages* (Cham et al.: Springer, 2020).

8. Arthur O. Lovejoy, *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Ideia* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1936), 108.

O princípio da abundância foi um fator importante no pensamento pluralista da época. Esse princípio defendia a ideia de que Deus não desperdiça nada e que tudo o que Ele cria se multiplicará e florescerá com vida por todo o universo. Essa ideia foi especialmente influente nos escritores teológicos sobre pluralidade.

## ***A Era da Razão, de Thomas Paine***

Em 1794, o revolucionário americano de origem inglesa e deísta convicto Thomas Paine publicou seu livro *A Era da Razão*, causando grande impacto na comunidade cristã. Nele, argumentava que a visão cristã da criação e da queda era incompatível com a doutrina da pluralidade de mundos. "As duas crenças não podem coexistir na mesma mente", afirmava. <sup>10</sup> A razão é uma dádiva divina, e a humanidade é dotada da capacidade de encontrar a verdade científica sem recorrer à Bíblia. Paine havia se aprofundado na astronomia dos séculos XVII e XVIII e fez de sua compreensão da ciência a base de seu deísmo. Para ele, a narrativa bíblica mítica contradizia a razão humana. A pluralidade de mundos tornou-se, assim, seu instrumento para atacar o cristianismo. Após descrever a vastidão do cosmos e "a alegre ideia de uma sociedade de mundos", ele escreveu:

De onde, então, poderia surgir a ideia solitária e estranha de que o Todo-Poderoso, que tinha milhões de mundos igualmente dependentes de sua proteção, deveria abandonar o cuidado de todos os outros e vir morrer em nosso mundo porque, dizem, um homem e uma mulher comeram uma maçã? E, por outro lado, devemos supor que cada mundo na criação ilimitada teve uma Eva, uma maçã, uma serpente e um redentor? Nesse caso, a pessoa que é irreverentemente chamada de Filho de Deus, e às vezes o próprio Deus, não teria nada mais a fazer senão viajar de

---

9. Lovejoy, em *A Grande Cadeia do Ser*, 52, 99–143, cunhou o termo e o definiu.  
isto.

10. Thomas Paine, *A Idade da Razão: Uma Investigação da Teologia Verdadeira e Fabulosa* (1794; reimpressão; Nova Iorque: Liberal and Scientific Publishing House, 1877), 41.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 35

de mundo em mundo, numa sucessão interminável de mortes,  
com quase nenhum intervalo momentâneo de vida.<sup>11</sup>

Essa caricatura sombria do cristianismo foi apelidada de “o Cristo viajante entre planetas”.<sup>12</sup> O historiador Robert Paul resume a considerável influência de *A Era da Razão*: “O ataque implacável de Paine ao cristianismo, o apoio que ele reuniu para suas ideias em termos da pluralidade de mundos e da astronomia, e suas alegações de deísmo em geral, tudo isso entrou no pensamento americano do início do século XIX”.<sup>13</sup>

## O século XIX

A obra “*A Era da Razão*” vendeu bem na Grã-Bretanha e, especialmente, nos Estados Unidos, e gerou uma série de reações positivas.<sup>14</sup> O presidente dos Estados Unidos, John Adams, simpatizou com Paine, assim como outras figuras notáveis, como o transcendentalista Ralph Waldo Emerson (1803-1882) e o escritor Mark Twain (1835-1910).<sup>15</sup> O “Cristo que viaja entre planetas” de Paine, no entanto, atraiu inúmeras críticas de escritores cristãos, as quais são abordadas em Crowe.<sup>16</sup> Nosso interesse aqui reside naqueles que, em sua defesa do pluralismo cristão, articularam temas semelhantes aos encontrados nos comentários pluralistas de Ellen White. O teólogo batista e defensor missionário Andrew Fuller (1754-1815) publicou sua obra “*O Evangelho: Seu Próprio Testemunho*” em 1799 como uma resposta imediata e direta a Paine.<sup>17</sup> Ele se concentrou nas duas questões da autoridade da Bíblia e da expiação, e respondeu ao ridículo de Paine.

---

11. Paine, *A Idade da Razão*, 46.

12. Ver Ted Peters, “Astrobiologia e Astrocristologia”, *Zygon* 51, nº 2 (2016): 482.

13. Robert E. Paul, “Joseph Smith e a ideia da pluralidade de mundos”, *Dialogue: A Journal of Mormon Thought* 19, nº 2 (1986): 17.

14. De acordo com o historiador Gordon S. Wood, o livro de Paine foi “a obra religiosa mais amplamente publicada na América do século XVIII”. Ver Gordon S. Wood, *Empire of Liberty: A History of the Early Republic, 1789-1815* (Nova Iorque: Oxford University Press, 2009), 199.

15. Ver Crowe, “A History of the Extraterrestrial Life Debate,” *Zygon* 32, no. 2 (1997): 153–55, para mais detalhes.

16. Crowe, *O debate sobre a vida extraterrestre, 1750-1900*, 171-74.

17. Ver Michael AG Haykin, “Os Oráculos de Deus: A Resposta de Andrew Fuller ao Deísmo”, em “*Na Fonte Pura da Tua Palavra*”: *Andrew Fuller como Apologista*, ed. Michael AG Haykin, *Estudos em História e Pensamento Batista* 6 (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2004) 122–38.

múltiplas expiações, afirmando que todos os outros mundos não estavam caídos e, portanto, não precisavam que Cristo morresse por eles.<sup>18</sup>

Timothy Dwight (1752-1817), presidente da Universidade de Yale de 1795 a 1817 e figura-chave do Segundo Grande Despertar, pregou uma série de 173 sermões catequéticos que abordavam a ordem lógica da teologia sistemática, nos quais incorporou inúmeras referências aos habitantes de outros mundos. Dividindo os sermões em duas partes (sermões 1-90: “Sistema de Doutrina”; e sermões 91-173: “Sistema de Dever”), Dwight repetiu a série a cada quatro anos para garantir que todos os alunos de Yale ouvissem sua resposta ao deísmo cético de Paine. Consequentemente, todos os alunos que passaram por Yale durante esses anos receberam uma boa dose de pluralismo da série de sermões de Dwight.

A resposta mais significativa a Paine foi o pregador escocês Thomas Chalmers (1780-1847),<sup>21</sup> que em 1817 pregou uma série de sete sermões posteriormente publicados como *Uma Série de Discursos sobre o Apocalipse Cristão*, <sup>22</sup> *Visto em Conexão com a Astronomia Moderna*.

A série foi extremamente popular e teve grande influência na Escócia e, em menor grau, nos Estados Unidos. A pluralidade de mundos habitados mostrou-se em harmonia com a fé cristã, e as numerosas mortes de Cristo descritas por Paine foram consideradas desnecessárias. Chalmers foi extremamente eloquente ao exaltar o poder criador de Deus manifestado no universo habitado.

Outro pluralista evangélico e conterrâneo escocês de Chalmers foi Thomas Dick (1774-1857), que, em vez de se concentrar em Paine, foi além e construiu sua carreira escrevendo sobre habitantes de outros mundos.<sup>23</sup> Ele argumentou que Deus não criou o universo em vão e

---

18. Andrew Fuller, *O Evangelho, Seu Próprio Testemunho: Ou a Natureza Santa e a Harmonia Divina da Religião Cristã, em Contraste com a Imoralidade e o Absurdo do Deísmo*, 2ª ed. (Londres: JW Morris, 1800).

19. Ver John R. Fitzmier, *Legislador Moral da Nova Inglaterra: Timothy Dwight, 1752-1817* (Bloomington: Indiana University Press, 1998).

20. Timothy Dwight, *Teologia Explicada e Defendida em uma Série de Sermões*, 5 vols. (Middletown, CT: Clark and Lyman, 1818). Declarações pluralistas abundam ao longo dos cinco volumes.

21. Sobre Chalmers, veja, por exemplo, Sandy Finlayson, *Chief Scottish Man: The Life and Ministry of Thomas Chalmers* (Darlington: Evangelical Free Press, 2021).

22. Thomas Chalmers, *Uma série de discursos sobre a revelação cristã, vista em conexão com a astronomia moderna* (Edimburgo: Walker e Greig, 1817).

23. Ver William J. Astore, *Observando Deus: Thomas Dick, Evangelismo e Ciência Popular na Grã-Bretanha e América Vitorianas* (Nova Iorque: Routledge, 2017).

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 37

Não havia dúvida de que Ele povoou os mundos, incluindo os planetas do nosso sistema solar, com habitantes. Esses quatro pluralistas evangélicos calvinistas são especialmente importantes para o nosso estudo do pluralismo de Ellen White, visto que sua teologia está inserida no contexto evangélico mais amplo.<sup>24</sup>

Fora da comunidade cristã evangélica, o filósofo natural e teólogo místico sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772) publicou sua obra " *As Terras em Nosso Sistema Solar*" em 1758, uma compilação de onze conversas com espíritos extraterrestres de cada planeta do nosso sistema solar e de mais cinco planetas em outros sistemas solares.<sup>25</sup> Ele argumentou que o universo está repleto de inúmeros mundos habitados por espíritos e que Cristo veio à Terra apenas para preservar as Escrituras para toda a posteridade, e não para prover expiação pelos pecados. Swedenborg estabeleceu sua própria religião e lançou as bases para a disseminação do espiritualismo na América durante o século XIX.<sup>26</sup> Durante a década de 1840, na América, Andrew Jackson Davis (1826-

1910) recebeu diversas visões e tornou-se o fundador filosófico do espiritualismo americano. Seus escritos tinham uma perspectiva swedenborgiana e seu livro *Os Princípios da Natureza: Suas Revelações Divinas*, era repleto de pluralismo e continha suas viagens espiritualistas aos planetas do nosso sistema solar, com descrições dos habitantes.<sup>27</sup>

Thomas Lake Harris (1823-1906), batista que se tornou universalista e depois espiritualista, alegava ter recebido a bênção visionária direta de Swedenborg e se comunicava com espíritos em outros mundos. Em sua obra " *Arcana do Cristianismo*", publicada em 1858, ele descreveu viagens visionárias fantásticas a vários planetas e afirmou que o pecado existia em apenas um planeta que havia sido destruído anteriormente, e que agora a Terra era o único mundo caído, enquanto o resto do universo era sem pecado. Harris também se considerava um

---

24. Sobre Ellen White como evangélica, ver Jud Lake, *Ellen White Under Fire: Identifying the Mistakes of Her Critics* (Nampa, ID: Pacific Press, 2010), 248–63.

25. Emanuel Swedenborg, *As Terras em Nosso Sistema Solar, Que São Chamadas de Planetas, e Sobre as Terras no Céu Estrelado, Juntamente com um Relato de Seus Habitantes, e Também dos Espíritos e Anjos Lá, Pelo Que Foi Visto e Ouvido* (Boston: Adonis Howard, 1828).

26. Ver Jonathan S. Rose, Stuart Shotwell e Mary Lou Bertucci, eds., *Scribe of Heaven: Swedenborg's Life, Work, and Impact* (West Chester, PA: Swedenborg Foundation, 2005).

27. Andrew Jackson Davis, *Os Princípios da Natureza, Suas Revelações Divinas e uma Voz para a Humanidade* (Nova York: SS Lyon e Wm. Fishbough, 1852).

Figura messiânica que lutou contra o mal no reino sobrenatural em nome de outros.<sup>28</sup>

Um dos que alegaram ter visões e fundaram um importante movimento religioso que continua forte até hoje foi Joseph Smith (1805-1844), o fundador do mormonismo. Smith claramente defendia o pluralismo de mundos habitados, como resumido por Lovejoy acima, mas acrescentou várias ideias adicionais exclusivamente suas: muitos mundos desapareceram e muitos estão sendo formados; os mundos são governados em uma ordem hierárquica; cada sistema de mundos recebeu sua própria lei; a Terra foi o mais perverso de todos os mundos; Cristo salvou todos os planetas; seres ressuscitados residem nos mundos; e os mundos existem tanto no tempo quanto no espaço.<sup>29</sup> Smith não tinha interesse em defender suas visões pluralistas contra figuras como Paine. De acordo com o estudioso mórmon Erich Robert Paul, “o conceito de Joseph Smith de múltiplos mundos habitados é mais apropriadamente visto como uma declaração cosmológica de importância religiosa e metafísica do que como uma especulação para convencer o incrédulo da verdade do cristianismo.”<sup>30</sup>

Em 1853, o filósofo e clérigo William Whewell (1794-1866) publicou sua obra "*Da Pluralidade dos Mundos: Um Ensaio*", que abalou o debate sobre a pluralidade de mundos. Ele temia que a pluralidade de mundos habitados no sistema solar pudesse encorajar a teoria da evolução e diminuir a fé em Deus. Partes do livro eram uma resposta ao pluralismo teológico de Chalmers. Whewell, portanto, rejeitou categoricamente o pluralismo em favor da unidade cósmica, a crença de que os seres humanos são os únicos seres inteligentes no universo e que o plano da humanidade é intrínseco.

28. Thomas Lake Harris, *Arcana of Christianity*, vol. 1, partes 1 e 2 (Nova York: New Church Pub. Assn., 1858), 334–37; Arthur Verslius, “Spiritualism and the American Swedenborgian Current”, em *Handbook of Spiritualism and Channeling*, ed. Cathy Gutierrez, Brill Handbooks on Contemporary Religion 9 (Leiden: Brill, 2015), 37–44; W.

P. Swainson, *Thomas Lake Harris e seus ensinamentos ocultos* (Londres: William Rider and Son, 1922), 66.

29. Veja Erich Robert Paul, *Science, Religion, and Mormon Cosmology* (Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1992), pp. 87–88, para este resumo e discussão adicional. As fontes primárias dos escritos de Smith são: *Moisés* 1:35, 38; 7:36; *Abraão* 3:8–9; *Doutrina e Convênios* 88:36–38, 42–47; 93:9–10, “A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”, *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, acessado em 16 de fevereiro de 2020, <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures?lang=eng>.

30. Paulo, *Ciência, Religião e Cosmologia Mórmon*, 88. Uma comparação completa do pluralismo de Ellen White com o de Joseph Smith seria um estudo frutífero e interessante.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 39

A salvação estava focada apenas na Terra.<sup>31</sup> O livro de Whewell criou um grande controvérsia que resultou em vinte livros e mais de cinquenta publicações em periódicos, a maioria das quais se opoem à sua crítica à pluralidade. Essa controvérsia persistiu até ser ofuscada pela vigorosa discussão sobre *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, de 1859, que defendia o pluralismo no contexto evolutivo.<sup>32</sup>

Uma das respostas negativas mais notáveis a Whewell veio de Sir David Brewster (1781-1868), um escocês talentoso e bom amigo de Chalmers. Em sua extensa resposta a Whewell, intitulada "*Mais Mundos do que Um: O Credo do Filósofo e a Esperança para o Cristão*", Brewster defendeu a existência de vida em outros mundos, incluindo os planetas do nosso sistema solar. Ele também apresentou a ideia extrema de vida na Lua e no Sol, afirmando que os habitantes deste último seriam "os mais altos níveis de inteligência".<sup>33</sup> Além disso, a cosmologia mórmon primitiva incluía a crença de que o Sol era habitado.<sup>34</sup>

A resposta mais influente a Whewell, no entanto, foi a de Richard Anthony Proctor (1837-1888), que em 1870 publicou sua obra *Outros Mundos Além do Nosso: Pluralidade de Mundos Estudada à Luz de Pesquisas Científicas Recentes*.<sup>35</sup> Proctor era um astrônomo britânico que se tornou o autor mais lido sobre o debate pluralista entre 1870 e 1890. *Outros Mundos* tornou-se imensamente popular e teve 29 reimpressões ao longo do restante daquele século e início do seguinte. O livro foi escrito tendo como pano de fundo o debate Whewell-Brewster e adotou uma posição mediadora. Proctor apoiou Brewster quanto à pluralidade de mundos habitados, mas rejeitou algumas de suas ideias extremas sobre a vida na Lua e no Sol. Ele concluiu que algumas das

Os planetas do nosso sistema solar não são favoráveis à vida, mas talvez Vênus...

---

31. William Whewell, *A Pluralidade dos Mundos* (Boston: Gould and Lincoln, 1855); Joseph Clayton Parker, "Porque Estamos Sozinhos.: Argumentos a favor dos Humanos como a Única Forma de Vida Inteligente do Universo, desde Filósofos Antigos até Cientistas de Hoje" (Tese de doutorado, Universidade de Pittsburgh, 2012).

32. Ver Michael J. Crowe, "William Whewell, a pluralidade de mundos e o moderno Sistema Solar", *Zygon* 51, nº 2 (2016): 445.

33. Sir David Brewster, *Mais Mundos do que Um: O Credo do Filósofo e a Esperança do Cristão* (Nova Iorque: Robert Carter & Brothers, 1854), 107, 113–14.

34. Ver Paul, *Ciência, Religião e Cosmologia Mórmon*, 115–116.

35. Richard A. Proctor, *Outros Mundos Além do Nosso: Pluralidade de Mundos Estudados à Luz de Pesquisas Científicas Recentes* (Londres: Longmans, Green, 1870).

e até mesmo Urano e Netuno poderiam sustentar a vida.<sup>36</sup> Em 1875, Proctor havia se afastado da possibilidade de vida nos planetas do nosso sistema solar e além, adotando uma abordagem darwiniana ao pluralismo, segundo a qual a vida está evoluindo em outros planetas.<sup>37</sup> De acordo com Tim Poirier, vice-diretor do Ellen G. White Estate, a edição americana de 1871 de *Other Worlds*<sup>38</sup> estava “entre os livros que C.C. Crisler vendeu para Ellen G. W[hite] para sua biblioteca em 1913.” Como o livro chegou à sua biblioteca tão tarde em sua vida, “ela pode nunca tê-lo consultado.”<sup>39</sup>

Tal era o ambiente pluralista para as visões de Ellen White sobre vida inteligente em outros mundos e suas afirmações de pluralidade. Havia, é claro, muitos outros autores além dos mencionados acima. Mas esta amostra fornece o contexto necessário para uma análise da pluralidade de mundos não caídos de White.

## A Pluralidade dos Mundos Não Caídos de Ellen White

Ellen White nunca se propôs formalmente a provar a existência de inteligência extraterrestre em outros planetas com base nas Escrituras ou na ciência. Ela partiu de suas visões, assumindo um universo que expressava o princípio da abundância e inseriu a ideia de mundos habitados em seu tema mais amplo da grande controvérsia. A pluralidade de mundos, portanto, não era um tema central em seus escritos, mas sim um importante tema de apoio.<sup>40</sup> Mencionados inúmeras vezes ao longo de seus escritos,<sup>41</sup> os habitantes de outros mundos surgiam estrategicamente como um importante elo de ligação em seu sistema de pensamento. Diversas questões preliminares

---

36. Para um resumo útil das ideias de Proctor neste livro, veja Crowe, *The Extraterrestrial Life Debate, 1750-1900*, 370–372.

37. Ver Crowe, “William Whewell”, 446.

38. Richard A. Proctor, *Outros Mundos Além do Nosso: Pluralidade de Mundos Estudados à Luz de Pesquisas Científicas Recentes* (Nova York: D. Appleton and Co., 1871).

39. Timothy L. Poirier, mensagem de e-mail para o autor, 6 de março de 2022; veja também Warren H. Johns, Tim Poirier e Ron Graybill, comp., *Uma Bibliografia de Ellen White's Private* 3ª ed. (Silver ellenwhite.org/media/ / Spring, MD: Ellen G. White Estate, 1993) e *Office Libraries* <https://document/8078>.

40. Para uma discussão dos principais temas nos escritos de Ellen White, veja Denis Fortin, “The Theology of Ellen White”, *The Ellen G. White Encyclopedia*, eds. Denis Fortin e Jerry Moon, 2ª ed. (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013), 265–83.

41. Em minhas buscas em <https://egw writings.org/>, especifiquei escritos durante a vida de Ellen White e estudei os contextos. Atualmente, concluo que Ellen White se referiu a habitantes de outros mundos pelo menos 1000 vezes em seus escritos.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 41

fornecerá uma estrutura para nossa discussão sobre a pluralidade de mundos habitados de Ellen White.

Em primeiro lugar, na época de sua primeira visão sobre a pluralidade de mundos, ela alegou não ter conhecimento de nenhum detalhe sobre astronomia. Em 1846, por exemplo, após sua primeira visão “de outros planetas”, ela relatou a Joseph Bates, em resposta a uma pergunta, que não se lembrava de ter consultado um livro de astronomia.<sup>42</sup> James White também observou sobre essa mesma visão que era “bem sabido que ela [Ellen] não sabia nada de astronomia e não conseguia responder a uma única pergunta relacionada aos planetas antes de ter essa visão”.<sup>43</sup> Curiosamente, suas descrições posteriores dos céus tornaram-se mais sofisticadas do ponto de vista astronômico, porém sempre com foco teológico, como quando descreveu o universo como composto de “sóis, estrelas e sistemas, todos em sua ordem precisa, circulando o trono da Divindade”,<sup>44</sup> e descreveu a mão de Deus guiando “os planetas em seu circuito pelos céus”, mantendo-os “organizados em perfeita ordem” e permanecendo “em posição em sua marcha ordenada pelos céus”.<sup>45</sup> É possível que ela tenha lido alguma literatura astronômica que tenha aprimorado sua expressão do que havia visto. sua visão, ou apenas suas visões, ampliou sua perspectiva.

do universo, o que nos leva ao próximo ponto.

Em segundo lugar, Ellen White baseou seu ensinamento sobre a pluralidade em suas visões. Embora suas poucas representações dos céus assumissem o princípio copernicano de sistemas solares heliocêntricos e o princípio da plenitude (“milhões de mundos”)<sup>46</sup> no âmbito do esquema quintuplo de Lovejoy mencionado acima, ela baseou sua compreensão astronômica mais no que havia visto em visão do que no que possa ter lido. Consequentemente, todas as suas afirmações sobre outros mundos são formuladas teologicamente, e não cientificamente. Ou seja, em vez de discutir os mundos a partir de uma perspectiva astronômica, ela enquadrou suas afirmações sobre a pluralidade em temas teológicos, como o grande amor.

---

42. Ellen G. White, *Dons Espirituais*, vol. 2 (Battle Creek, MI: James White, 1860), 83.

43. James White, ed., *Uma palavra para o “Pequeno Rebanho”* (Gorham, ME: James White, 1847), 22.

44. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Washington, DC: Review and Herald, 1911), 677.

45. Ellen G. White, *Educação* (Oakland, CA: Pacific Press, 1903), 99; Ellen G. White, *A Vida Santificada* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2006), 76; Ellen G. White, *Pensamentos do Monte da Bênção* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1956), 74–75.

46. Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 4:653.

A mensagem de Deus ao enviar Seu filho para morrer por este pequeno mundo e o tema da grande controvérsia, ambos os quais serão discutidos a seguir.

Em terceiro lugar, várias das ideias pluralistas de Ellen White não são originais dela, o que levanta a questão da apropriação literária. O pluralismo e as informações astronômicas estavam facilmente disponíveis em livros, jornais e almanaques da época. Ela teria lido algum desses materiais, como sugerido acima? Teria ela lido algum dos principais escritos pluralistas evangélicos, como os de Chalmers, Dwight ou Dick, e incorporado suas ideias ao seu pluralismo? Embora não seja minha intenção neste artigo apresentar uma análise detalhada dessa questão, minha pesquisa constatou que ela leu pouco, ou quase nada, desses autores.<sup>47</sup> Mesmo que os tivesse lido e utilizado algumas de suas ideias, sua compreensão do pluralismo era exclusivamente sua. Um bom exemplo contemporâneo é Joseph Smith, que foi acusado de ter se apropriado de ideias pluralistas de Thomas Dick.<sup>48</sup>

Os estudiosos Erich Robert Paul e Edward T. Jones demonstraram que o pensamento de Smith era tão diferente do de Dick que os dois dificilmente podem ser comparados.<sup>49</sup> O pensamento pluralista de Smith tinha algumas semelhanças com o de outros pluralistas, mas existem diferenças suficientes para que seu pluralismo seja considerado exclusivo dele. O mesmo se aplica a Ellen White (embora ela e Smith tivessem visões pluralistas bastante diferentes), como demonstrarei a seguir.

Em quarto lugar, deve-se notar que, no caso da pluralidade de mundos, Ellen White estava mais em sintonia com os pluralistas calvinistas do que com seu mentor teológico, John Wesley, que disse sobre a teoria da pluralidade: “quanto mais considero essa suposição, mais duvido dela”.<sup>50</sup> Em resposta ao desafio dos inúmeros mundos espalhados pela imensidão pela sabedoria divina, Wesley respondeu: “Tenho uma opinião tão elevada da sabedoria divina que acredito que nenhum filho do homem pode

---

47. Para uma discussão sobre questões relacionadas à acusação de plágio e ao uso de empréstimos literários por Ellen White, veja Jud Lake, “Ellen G. White’s Use of Extrabiblical Sources”, em *The Gift of Prophecy in Scripture and History*, eds. Alberto R. Timm e Dwain N. Esmond (Silver Spring, MD: Review and Herald, 2015), 316–32.

48. Ver Fawn M. Brodie, *Ninguém Conhece Minha História: A Vida de Joseph Smith, o Mórmon Profeta* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1948), 171.

49. Ver Paul, *Science, Religion, and Mormon Cosmology*, 89–90; Edward T. Jones, “The Theology of Thomas Dick and Its Possible Relationship to That of Joseph Smith” (dissertação de mestrado, Brigham Young University, 1969), 94–96.

50. John Wesley, “O que é o homem?” em *As obras de John Wesley*, 3ª ed., 14 vols. (Grand Rapids, MI: Baker, 1978), 7:172.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 43

compreendê-lo. É nossa sabedoria sermos muito cautelosos ao pronunciarmos sobre coisas que não vimos.”<sup>51</sup> Ellen White seguiu Wesley em muitos aspectos teológicos, mas neste assunto, ela seguiu suas visões.

### A visão de Ellen White em 1849

Começamos com um relato de um encontro com seres de outro mundo, publicado pela primeira vez como parte de um folheto datado de 31 de janeiro de 1849:<sup>52</sup> “O Senhor me deu uma visão de outros mundos”, anunciou Ellen White, e prosseguiu descrevendo sua experiência: “Recebi asas, e um anjo me acompanhou da cidade até um lugar brilhante e glorioso. A grama do lugar era verdejante, e os pássaros cantavam uma doce canção. Os habitantes do lugar eram de todos os tamanhos; eram nobres, majestosos e encantadores.”<sup>53</sup>

A descrição aqui apresentada lembra a dos espiritualistas discutidos anteriormente (Swedenborg, Davis e Harris), que, com base em suas visões, descreveram detalhadamente as belas paisagens, a atmosfera pacífica e os seres fascinantes dos planetas que visitaram. Davis, por exemplo, relatou que os seres em Saturno têm corpos como os nossos, com “aparências muito especiais”.

---

51. Wesley, “Uma Carta ao Editor da *London Magazine*”, em *The Works of John Wesley*, 13:398. Para uma discussão útil sobre a abordagem cautelosa de Wesley ao pluralismo, veja Crowe, *The Extraterrestrial Life Debate, 1750-1900*, 92–97.

52. A data exata dessa visão não é clara. Ela foi publicada pela primeira vez em um folheto intitulado “Aos que estão recebendo o selo do Deus Vivo”, de 31 de janeiro de 1849, e especifica três visões em 16 de dezembro de 1848 e em 5 e 6 de janeiro de 1849. Veja Timothy L. Poirier et al., eds., *The Ellen G. White Letters and Manuscripts with Annotations*, vol. 1 (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2014), 147–153, para o folheto completo com anotações úteis sobre o contexto histórico e reimpressões subsequentes. O anotador observa, após explicar a visão de 1846 na qual Joseph Bates estava presente: “Não é certo se a visão aqui descrita é a mesma visão de 1846 ou uma diferente. Que ela teve mais de uma visão de ‘outros mundos’ pode ser inferido de sua descrição da visão de 1846 como sendo ‘a primeira vez’ que ela ‘teve uma visão de outros planetas’” (Poirier et al., eds., *The Ellen G. White Letters and Manuscripts*, 1:151 nota 6). Não trato aqui da visão de Ellen do “espaço aberto” em Órion porque ela não envolvia extraterrestres. Para uma discussão, veja Poirier et al., eds., *The Ellen G.*

*White Letters and Manuscripts*, 1:138 nota 1; Merton E. Sprengel e Dowell D. Martz, “Orion Revisited”, *Adventist Review*, 25 de março de 1976, 4–7; Merton E. Sprengel e Dowell D. Martz, “How Open Is Orion’s Open Space?”, *Adventist Review*, 1 de abril de 1976, 9–11; e Merton E. Sprengel e Dowell Martz, “Does the ‘Open Space’ Exist Today?”, *Adventist Review*, 8 de abril de 1976, 6–8.

53. Uma das reimpressões posteriores da visão ocorreu em Ellen G. White, *Early Writings*. (Washington, DC: Review and Herald, 1945), 39–40.

Os seres de Júpiter, segundo ele, “não caminham eretos, mas assumem uma posição inclinada, frequentemente usando as mãos e os braços para caminhar, sendo as extremidades inferiores um pouco mais curtas que os braços, de acordo com nosso padrão de proporção”.<sup>54</sup> Harris encontrou-se com “filósofos platônicos cristãos” em Mercúrio e observou que os seres de uma estrela chamada Cassiopeia “se alimentam principalmente dos aromas de flores requintadas”.<sup>55</sup>

White, no entanto, como se pode ver na citação, não fornece tais detalhes sobre esse mundo e seus habitantes. Ela também não nomeia os mundo, o que sugere que ela talvez não tivesse certeza da primeira tese do esquema de Lovejoy. Nesse único encontro com seres de outros mundos (em contraste com os três espiritualistas que tiveram contato com uma vasta gama de seres extraterrestres em diversas visões), White se interessa pela perspectiva espiritual e teológica desses seres. Observe suas próximas palavras:

Eles traziam a imagem exata de Jesus, e seus semblantes irradiavam santa alegria, expressando a liberdade e a felicidade daquele lugar. Perguntei a um deles por que eram tão mais belos do que os da terra. A resposta foi: “Vivemos em estrita obediência aos mandamentos de Deus e não caímos por desobediência, como os da terra”. Então vi duas árvores; uma se parecia muito com a árvore da vida na cidade. Os frutos de ambas eram belos, mas de uma delas eles não podiam comer. Tinham poder para comer de ambas, mas lhes era proibido comer de uma. Então o anjo que me acompanhava disse: “Ninguém neste lugar provou do fruto da árvore proibida; mas, se comessem, cairiam”.<sup>56</sup>

Esses “seres santos” são claramente imaculados pelo pecado e manifestam a “expressão da imagem” de Jesus, uma referência de Hebreus 1:3 (versão King James) que descreve Jesus como sendo à “expressão da imagem” da pessoa de Seu Pai. Sua aparência é diferente da das pessoas na Terra, porque eles

---

54. Davis, *Os Princípios da Natureza*, 181–82, 189.

55. Harris, *Arcana do Cristianismo*, 58, 69.

56. White, *Primeiros Escritos*, 40.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 45

obedeceram aos mandamentos de Deus e, portanto, “não caíram”. Este mundo tinha duas árvores, e seus habitantes foram proibidos de comer o fruto de uma delas. A imagem aqui evoca claramente a história de Gênesis 3 sobre a queda de Adão e Eva no pecado e a consequente maldição sobre o mundo. Mas esses seres resistiram à tentação e jamais provaram do fruto proibido em seu planeta. Poderiam os seres não caídos deste planeta representar os outros mundos do universo de Deus, cujos Adãos e Evas não comeram do fruto proibido em seus respectivos planetas? Embora White apenas tenha insinuado esse assunto, os adventistas o têm ponderado e debatido ao longo dos anos.<sup>57</sup> Não obstante, a visão forneceu uma base teológica para a compreensão pluralista de White, visto que ela posteriormente se referiu aos outros mundos do universo como “mundos não caídos”.<sup>58</sup>

Que essa descrição proporcionou aos leitores de White uma melhor compreensão do universo não caído de Deus e da redenção neste planeta é revelado em uma declaração de James White um ano depois na *Advent Review*. Descrevendo a destruição do diabo e do mal no lago de fogo, ele escreveu: “Então Deus terá um universo puro, e não haverá mais diabos tentando perturbar os santos, nem seres santos de outros mundos. Então todo o universo de Deus poderá se unir em um grande jubileu”. Assim, essa visão de seres não caídos em outros mundos, de natureza primordialmente teológica, influenciou o pensamento dos adventistas sobre o pluralismo e lançou as bases para os futuros escritos de White sobre o assunto.<sup>59</sup> Anos mais tarde, ela desenvolveria essa ideia para sua teologia dos mundos não caídos.

Na outra parte da visão, White foi “levada a um mundo que tinha sete luas” e encontrou “o bom e velho Enoque, que havia sido transladado”. O restante da descrição mostra Enoque, com suas vestes de “Vitória”, “Pureza”, “Santidade” e uma coroa “que brilhava mais que o sol”, desfrutando de sua visita a este planeta durante seu tempo longe da “Cidade” celestial. A lição de todo o relato era encorajar White a acreditar que, se fosse fiel, ela, como Enoque da Terra, também alcançaria a glória eterna.

---

57. Veja, por exemplo, Roger W. Coon para Desconhecido, 24 de março de 1982, 4B-10a, Arquivo de Perguntas e Respostas, Ellen G. White Estate, Silver Spring, MD, acessado em 6 de junho de 2022, <https://media1.ellenwhite.org/docs/5175/5175.pdf>.

58. Para mais informações, veja abaixo.

59. James White, “O Dia do Julgamento”, *Advent Review*, setembro de 1850, 50.

46º Simpósio Ellen White sobre Temas Temáticos 2022

“Juntos com os 144.000”, desfrutam “do privilégio de visitar todos os mundos e contemplar a obra das mãos de Deus”.<sup>60</sup>

Essa visão, embora nunca mais mencionada especificamente nos escritos de White, esteve continuamente presente como fundamento para suas declarações posteriores sobre outros mundos. As ideias teológicas expressas em suas declarações... A conversa com um habitante deste mundo permaneceu consistente em seu pluralismo pelo resto da vida.

## O Contexto Histórico Mais Amplo da Visão de Ellen White sobre os Habitantes de Outro Mundo

O livro de Richard A. Proctor, *Outros Mundos Além do Nosso*, ofereceu um contraponto às afirmações extravagantes de escritores religiosos sobre o pluralismo, como Thomas Dick, que chegou ao ponto de calcular o número de habitantes inteligentes em cada planeta do nosso sistema solar. Ele concluiu que Júpiter continha quase seis bilhões de habitantes e Saturno cerca de cinco bilhões, e até calculou o número de pessoas nos anéis internos e externos de Saturno.<sup>61</sup> Proctor defendeu a pluralidade de mundos habitados, mas argumentou, de forma contrária, sobre Júpiter. "Devemos, é claro", argumentou ele, "descartar a ideia de que o planeta gigante seja atualmente uma morada adequada para criaturas vivas." O mesmo foi dito sobre a habitabilidade de Saturno. Ele teorizou que Vênus é o planeta mais provável em nosso sistema solar a sustentar vida inteligente como a nossa.<sup>62</sup> Proctor estava, portanto, caminhando na direção do que cientistas posteriores concluíram: os planetas do nosso sistema solar não são adequados para a vida inteligente. Na verdade, no final do século XIX e início do século XX, argumenta Crowe, a ideia de vida inteligente nos planetas do nosso sistema solar foi praticamente abandonada.<sup>63</sup> Ellen White foi acusada de dizer que teve uma visão de seres altos e majestosos em Saturno e Júpiter.<sup>64</sup> O Estado White respondeu corretamente a essa acusação:

---

60. White, *Primeiros Escritos*, 40.

61. Thomas Dick, *The Sidereal Heaven and Other Subjects Connected With Astronomy, and as Illustrative of The Character of The Deity, of an Infinity of Worlds* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1844), 289–90; veja também Thomas Dick, *Celestial Scenery or, The Wonders of the Planetary System Displayed* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1938), 305, onde ele argumentou que Júpiter e Saturno têm atmosferas habitáveis para vida inteligente.

62. Proctor, *Outros Mundos*, 94, 153, 167.

63. Crowe, "William Whewell", 431–49.

64. Veja, por exemplo, Dirk Anderson, "Those Tall Jupiter People", *NonSDA.org*, acessado em 8 de fevereiro de 2022, <https://www.nonsda.org/egw/criticb.shtml>.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 47

Contrariamente a alguns relatos, Ellen White não identificou pelo nome nenhum dos “mundos” que lhe foram mostrados em visão. Joseph Bates, um capitão de navio aposentado com especial interesse em astronomia, estava presente durante pelo menos uma dessas visões, e consta que ele identificou os planetas Júpiter, Saturno e Urano entre os descritos. Alguns associaram erroneamente as observações do Élder Bates à descrição de Ellen White de um “lugar” habitado por seres “nobres” e “majestosos”. No próprio relato de Ellen White sobre sua visão, porém, ela diz apenas que foi levada a “UM LUGAR” que era brilhante e glorioso” (ênfase nossa). Ela não identifica “o lugar” como Júpiter, Saturno ou qualquer outro planeta do nosso sistema solar.<sup>65</sup>

No entanto, alguns adventistas durante a vida de Ellen White aparentemente acreditavam que ela tinha visto seres em um dos planetas do nosso sistema solar em visão,<sup>66</sup> aparentemente devido à influência de escritores como Thomas Dick, que, como observado acima, popularizou a ideia de vida em nosso sistema solar. Proctor também explicou em seu livro:

Além do nosso Sol, existem miríades de outros sóis na imensidão do espaço; esses sóis são corpos grandes e massivos, capazes de influenciar, por meio de seus sistemas de atração, mundos tão importantes quanto aqueles que orbitam ao seu redor; esses sóis são formados por elementos semelhantes aos que constituem o nosso próprio Sol. sol, de modo que os mundos que orbitam ao seu redor possam ser considerados, com toda a probabilidade, semelhantes em

---

65. Ver “Planetas Habitados em nosso Sistema Solar”, *Ellen G. White Estate*, acessado em 8 de fevereiro de 2022, <https://whiteestate.org/about/issues1/mistaken/writings-falsely-attributed/planetas-habitados-nosso-sistema-solar/>.

66. Marion Truesdail, por exemplo, afirmou que Ellen White viu habitantes altos e majestosos em Júpiter ou Saturno, e sua declaração foi usada em ambas as edições do livro de Loughborough sobre a história adventista. Essa questão está além do escopo deste artigo, mas merece uma discussão completa. Veja J. N. Loughborough, *Ascensão e Progresso dos Adventistas do Sétimo Dia* (Battle Creek, MI: Associação da Conferência Geral, 1892), 127; J. N. Loughborough, *O Grande Movimento do Segundo Advento: Sua Ascensão e Progresso* (Washington, DC: Review and Herald, 1905), 260.

constituição desta terra; e que desses sóis todas as formas de força que sabemos serem necessárias à existência de seres organizados em nossa terra são abundantemente emitidas.

Ele argumentou ainda, partindo do princípio da abundância, que nenhum dos Esses sóis, com sua luz e calor, são desperdiçados, e concluiu-se:

Embora aqui não possamos, como no caso do sistema solar, ver de fato os mundos sobre os quais especulamos, a mente os apresenta claramente diante de nós, variados em tamanho, variados em estrutura, infinitamente variados em sua condição física e hábitos, mas semelhantes nisto: cada um é povoado por criaturas perfeitamente adaptadas às circunstâncias que os cercam, e cada um exhibe, da maneira mais clara e impressionante, a sabedoria e a benevolência do Todo-Poderoso.<sup>67</sup>

É notável que, embora Ellen White provavelmente nunca tenha lido os escritos de Proctor, nos anos que se seguiram à sua visão de 1849, na qual conversava com seres de outro mundo, ela ampliou sua linguagem pluralista. Em 1881, por exemplo, ela falou de “mundos inumeráveis por toda a imensidão”<sup>68</sup> e, em 1888, dos “mundos inumeráveis pelos vastos domínios do espaço”.<sup>69</sup> Em 1858, ela já usava o termo “universo inteiro” e empregou frequentemente “universo completo” ao longo das décadas de 1880 e 1890.<sup>70</sup> Ao usar esses termos, ela tentava transmitir a ideia de que o universo de Deus é vasto e imensamente povoado por seres inteligentes e sencientes, leais a Deus e interessados no que acontece em nosso pequeno planeta. Assim, intencionalmente ou não, essa linguagem desviou a atenção do leitor do nosso sistema solar para os “mundos inumeráveis” que Deus controla por todo o universo.<sup>71</sup>

---

67. Proctor, *Outros Mundos*, 256–57.

68. Ellen G. White, “Vitória finalmente”, *Sinais dos tempos*, 14 de julho de 1881, 301.

69. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1888), 651.

70. Ellen G. White, *Dons Espirituais*, 2:218. Pesquise o termo “universo inteiro” em <https://egwwritings.org/>.

71. Ellen G. White, “Santificação: A vida de João como uma ilustração da santificação”, *Review and Herald*, 1 de março de 1881, 130.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 49

Ao longo dos trinta e dois anos seguintes (1881-1913), os comentários de White sobre os mundos não caídos foram disseminados por seus artigos em periódicos, livros e manuscritos, além de sua obra "*O Conflito das Eras*". Para manter esta discussão suficientemente concisa para este artigo, organizarei declarações representativas em torno de três temas que ela e outros autores anteriores abordaram em suas declarações pluralistas (certamente existem mais temas que eu poderia discutir). Essa abordagem mostrará as ideias comuns entre esses autores, bem como a ênfase distintiva de White em seu pluralismo.

### O pecado restrito ao nosso mundo.

Ellen White manteve-se consistente em todos os comentários posteriores à sua descrição de 1849 de que a Terra é o único planeta no universo que desobedeceu a Deus e está sob a maldição do pecado: Este mundo está "em aberta rebelião contra Deus";<sup>72</sup> "o próprio campo que Satanás reivindica como seu"; e "a única mancha escura em Sua [de Deus] gloriosa criação".<sup>73</sup> É "um vasto lazar, uma cena de miséria sobre a qual não ousamos sequer permitir que nossos pensamentos se detenham".<sup>74</sup> "O mundo que Deus criou foi assolado pela maldição do pecado e habitado por seres condenados à miséria e à morte".<sup>75</sup> Inequivocamente, ela declarou: "Há apenas um mundo que apostatou, apenas um rebanho de ovelhas perdidas. Os habitantes de outros mundos são leais e fiéis a Deus".<sup>76</sup> Seu pluralismo foi consistente em referir-se repetidamente a todos os outros mundos do universo como "não caídos" e "sem pecado".<sup>77</sup>

Chalmers também sugeriu a possibilidade de o universo ser "uma família segura e alegre, e que este mundo alienado seja o único membro desgarrado ou cativo pertencente a ela". Ele teve o cuidado, porém, de falar com cautela sobre se as "outras regiões do universo de Deus" precisam da obra redentora de Cristo.<sup>78</sup> Dwight acreditava que "o

---

72. Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Oakland, CA: Pacific Press, 1917), 185.

73. Ellen G. White, *O Desejo de Todas as Nações* (Oakland, CA: Pacific Press, 1898), 26.

74. White, *Educação*, 263.

75. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Oakland CA: Pacific Press, 1890), 63.

76. Ellen G. White, "Cristãos são obrigados a buscar os perdidos", *Youths Instructor*, dezembro 30, 1897, 379.

77. As buscas pelas palavras "mundos não caídos" e "mundos sem pecado" foram realizadas em <https://egwwritings.org>, utilizando apenas as obras de Ellen White publicadas ao longo de sua vida.

78. Chalmers, *Uma Série de Discursos*, 148–49, 184. Anteriormente, ele usou uma linguagem mais forte sobre a possibilidade do pecado em todo o universo: "Para tudo o que ele pode dizer, a peste moral-

Os habitantes dos inúmeros mundos que compõem o Universo confessam que ele [Cristo] é o Senhor, para a glória de Deus Pai.”<sup>79</sup>

O poeta Friedrich Gottlieb Klopstock (1724–1803) apresentou um universo cristocêntrico sem pecado em seu poema clássico “Der Messias”.<sup>80</sup> Andrew Fuller falou com uma convicção semelhante à de Ellen White: “Por mais extensa que seja a criação”, escreveu ele, “e por mais que o número de mundos seja multiplicado até o limite máximo que a imaginação possa alcançar, não há prova de que qualquer um deles, exceto homens e anjos, tenha apostatado de Deus”. Se o nosso mundo é apenas uma pequena parte do “vasto império de Deus, há razão para esperar que seja a única parte onde o pecado entrou, exceto entre os anjos caídos; e que as miríades infinitas de seres inteligentes em outros mundos sejam todos amigos sinceros da virtude, da ordem e de Deus”.<sup>81</sup> Brewster, no entanto, acreditava que o pecado estava espalhado por todo o universo.<sup>82</sup> Andrew Leitch apresentou o conceito de um universo sem pecado em prosa eloquente e pitoresca:

O universo é uma grande harpa, e cada orbe uma corda dessa harpa; mas uma corda, pelo menos, está desafinada.

O pecado quebrou essa corda, e agora há uma dissonância nas notas que ascendem ao trono do Eterno.

O grande objetivo da redenção é reajustar essa corda dissonante do nosso mundo. Todo o universo, em certa medida, sentiu a queda do homem, assim como uma corda dissonante afeta a harmonia de todas as cordas de um instrumento musical; e todo o universo sentirá.

---

A luz que se espalha pela face do nosso mundo pode ter estendido sua desolação a todos os planetas de todos os sistemas que o telescópio nos revelou.”

Chalmers, *Uma Série de Discursos*, 80.

79. Dwigth, *Teologia Explicada*, 2:442.

80. GHC Egestorff, *Klopstock's Messiah*, 4 vols., vol. 1, pt. 2 (Londres: Hartwig & Müller, 1926), 134–36. No Canto V, um Adão não caído de um dos outros mundos conta a seus filhos não caídos a história da queda da Terra no pecado (Canto V:236–346). Até mesmo o espiritualista Thomas Harris afirmou que o pecado reina apenas aqui na Terra. Mas sua visão de mundo diferia significativamente da de Ellen White. Segundo ele, a Lua era formalmente um satélite de Oriana, o planeta onde o pecado se originou, mas que foi posteriormente destruído.

Agora a Terra é o único lugar de rebelião no universo. Veja Harris, *Arcana of Christianity*, 336–337; Swainson, *Thomas Lake Harris*, 19–20, 26–27.

81. Fuller, *O Evangelho, Seu Próprio Testemunho*, 210.

82. Brewster, *Mais Mundos do que Um*, 136ff.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 51

os efeitos da redenção, quando este mundo é mais uma vez harmonizado pela mão do amor e da misericórdia.<sup>83</sup>

Joseph Smith, no entanto, acreditava que o pecado estava espalhado por todos os mundos, mas a Terra era o mais perverso: “Portanto, posso estender minhas mãos e segurar todas as criações que fiz; e meus olhos podem penetrá-las também, e entre toda a obra de minhas mãos não houve tanta perversidade quanto entre teus irmãos.”

Após Smith, as autoridades mórmons ensinaram que cada mundo tinha seu Adão, estava coberto de pecado e, portanto, necessitava de um redentor.<sup>84</sup>

Assim, enquanto Dwight, Klopstock, Fuller, Leitch e White afirmaram um universo sem pecado, com o pecado restrito à Terra, Chalmers, ainda que de forma hesitante, e Smith, endossaram plenamente a visão de um universo pecaminoso, com o pecado afetando a maior parte dos mundos. Ellen White, contudo, afirmou um universo sem pecado integrado à teologia de seu tema do Grande Conflito, com a Terra como “o livro de lições do universo”.<sup>85</sup>

### O valor deste mundo no vasto cosmos

Como mencionado acima, durante as primeiras décadas do século XIX, escritores cristãos responderam ao argumento de Thomas Paine em *A Era da Razão*, de que o cristianismo e a pluralidade de mundos são incompatíveis e que Deus tem coisas melhores a fazer na administração do universo do que abandonar tudo e morrer pelos pecados deste planeta. A alfinetada de Paine, de que é uma “presunção solitária e estranha” para os cristãos acreditarem que Deus “deveria abandonar o cuidado de todo o resto e vir morrer pelo nosso mundo”, provocou uma resposta particularmente forte de Chalmers, que afirmou: “É provável, diz o infiel, que Deus envie seu Filho eterno para morrer pelos insignificantes ocupantes de uma província tão insignificante no vasto campo de sua criação?” Sua resposta, que aparece de várias formas ao longo de toda a série de sermões, é: “O Deus que está assentado acima e preside com alta autoridade sobre todos os mundos, lembra-se do homem; e, embora neste momento sua energia seja sentida nas providências mais remotas

---

83. William Leitch, *A Glória de Deus nos Céus*, 3ª ed. (Londres: Alexander Strahan, 1867), 329.

84. *Moisés* 7:36, acessado em 1 de março de 2022, <https://www.churchofjesuschrist.org/study/escrituras/pgp/moses/7?lang=eng>; Paulo, *Ciência, Religião e Cosmologia Mórmon*, 113.

85. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 19; White, *Patriarca e Profetas*, 154.

da criação, podemos sentir a mesma segurança em sua providência, como se fôssemos objetos de seu cuidado integral.”<sup>86</sup>

Embora não haja evidências de que Ellen White tenha lido Chalmers,<sup>87</sup> ela certamente concordou com sua linha de argumentação e apresentou seu ponto de vista em termos ainda mais enfáticos: “Neste minúsculo mundo, todo o universo celestial manifesta o maior interesse, pois Cristo pagou um preço infinito pelas almas de seus habitantes.”<sup>88</sup> “Mas é neste minúsculo mundo, nas almas que Ele deu Seu Filho unigênito para salvar, que Seu interesse e o interesse de todo o céu estão centrados.”<sup>89</sup> Assim, para White, este mundo é o centro da atividade redentora de Deus no universo, e os seres humanos são o objeto de Seu grande amor e compaixão. Ela expressou isso de forma muito eloquente ao comentar a parábola da ovelha perdida: “Este mundo não passa de um átomo nos vastos domínios sobre os quais Deus preside, contudo, este pequeno mundo caído — a única ovelha perdida — é mais precioso aos Seus olhos do que as noventa e nove que não se extraviaram do aprisco.”

. . . Por isso, Ele deixou os mundos celestiais sem pecado, os noventa e nove que O amavam, e veio a esta terra.”<sup>90</sup>

Quanto às acusações de Thomas Paine contra o cristianismo, Ellen White respondeu num contexto diferente daquele dos pluralistas evangélicos. Enquanto eles respondiam ao uso do pluralismo por Paine contra o cristianismo, ela respondia ao uso da voz de Paine através do espiritualismo. Em 1852, o médium espiritualista Reverendo Charles Hammond publicou “*A Peregrinação de Thomas Paine e Outros ao Sétimo Círculo no Mundo Espiritual*”, no qual o espírito ascensionado de Paine transmitiu à Terra uma mensagem de que seu nome estava “escrito no registro da vida eterna”, seus “erros foram remediados” e ele havia recebido uma “nova graça”.

---

86. Chalmers, *Uma Série de Discursos*, 52–54; ver também 137, 144–150.

87. Quatro décadas após Chalmers publicar *Uma Série de Discursos*, Edward Hitchcock afirmou que “todo o mundo conhece os esplêndidos *Discursos Astronômicos do Dr. Chalmers*”. Edward Hitchcock, “Uma Introdução”, em William Whewell, *Pluralidade dos Mundos* (Boston: Gould and Lincoln, 1855), x. Mark Noll, no entanto, desconsidera a influência de Chalmers na América em “Thomas Chalmers (1780-1847) na América do Norte (ca. 1830-1917)”, *Church History* 66, no. 4 (1997): 762–77.

88. Ellen G. White, *Lições Objetivas de Cristo* (Washington, DC: *Review and Herald*, 1941), 176.

89. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 356.

90. White, *Lições Objetivas de Cristo*, 190. Para comparação, veja Chalmers, *Uma Série de Discursos*, 169, 184–85.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 53

batismo”, existia na “sétima esfera” e agora podia instruir outros nessa nova e iluminada existência.<sup>91</sup> Este livro suscitou uma resposta de Ellen White dois anos depois, no suplemento de sua obra de 1851-

No livro \* *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* \*, ela explicou o perigo do espiritualismo e declarou: “Thomas Paine, cujo corpo agora se desfez em pó e que será chamado ao final dos mil anos, na segunda ressurreição, para receber sua recompensa e sofrer a segunda morte, é representado por Satanás como estando no céu e altamente exaltado lá”. Assim como Satanás o usou na Terra, ele o está usando agora: “Como ele ensinou aqui, Satanás quer fazer parecer que está ensinando no céu”.<sup>92</sup> Portanto, a razão pela qual White respondeu a Paine foi diferente da razão dos pluralistas evangélicos, embora não se possa deixar de questionar se a refutação *da Era da Razão* também estava em sua mente quando ela escreveu sobre o grande amor de Deus em Cristo por este planeta perdido no vasto universo.

Em todo caso, a pluralidade de Ellen White assumiu um propósito didático para ilustrar o grande amor de Deus ao vir a este minúsculo mundo para morrer por seus habitantes pecadores. Como evangélica, ela certamente concordava com Chalmers e os outros sobre o grande amor de Deus por este pequeno planeta no universo. Mas, diferentemente desses outros pluralistas, ela o compreendia no contexto da grande controvérsia sobre o caráter de Deus. “Ao dar o tesouro mais rico do céu, seu Filho unigênito, para morrer pelo homem, Deus demonstraria a todas as inteligências criadas o quanto ama a raça caída.”<sup>93</sup>

O drama redentor neste pequeno planeta é, portanto, o ponto central do universo.

## O Grande Conflito

O conceito da grande controvérsia, ou conflito cósmico, é o “tema organizador” nos escritos de Ellen White, o arco metanarrativo que permeia toda a sua obra.

---

91. Charles Hammond, *A Peregrinação de Thomas Paine e Outros ao Sétimo Círculo no Mundo Espiritual* (Nova York: Partridge and Brittan, 1852), 35, 38, 49–50.

92. White, *Primeiros Escritos*, 89–90.

93. Ellen G. White, “Home Missionary Work,” *Review and Herald*, 31 de janeiro de 1899, 66.

corpus literário.<sup>94</sup> Sua expressão mais intencional e consistente desse tema ocorre na série “Conflito das Eras”: *Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Os Atos dos Apóstolos e A Grande* <sup>95</sup> *Escritas abordam o tema*. Durante as últimas três décadas de sua vida, essas cinco obras Os livros abrangem a história da grande controvérsia sobre o caráter de Deus, conforme expresso em Sua lei, desde a rebelião de Lúcifer no céu até a terra renovada e todas as coisas restauradas em Cristo. Eles funcionam como a estrutura teológica para tudo o mais que ela escreveu,<sup>96</sup> incluindo suas declarações sobre a pluralidade de mundos habitados. As outras declarações pluralistas fora da série, espalhadas por seus escritos, se encaixam nessa estrutura teológica. Como será mostrado nesta seção, o propósito de suas declarações sobre a pluralidade de mundos era ajudar seus leitores a entender as questões cósmicas em jogo na grande controvérsia, ampliar sua visão da expiação de Cristo e mostrar o grande interesse e envolvimento de todos os mundos não caídos no resultado da obra redentora de Cristo neste planeta.<sup>97</sup>

Os termos pluralistas que White mais usou foram “universo” e “mundos”. O termo “universo” aparece em vários contextos pluralistas, como “todo o universo”, “universo inteiro”, universo celestial e “universo completo”.

- 
94. Herbert E. Douglass, *Mensagem do Senhor: O Ministério Profético de Ellen G. White* (Nampa, ID: Pacific Press, 1998), 256 e seguintes; e Woodrow W. Whidden II, “O Triunfo do Amor de Deus: A Teodiceia Teológica Otimista de Ellen G. White”, *Andrews University Seminary Studies* 53, nº 1 (2015): 197–214; ver também White, *Educação*, 125, 190. Para o tema nas Escrituras, ver Frank B. Holbrook, “O Grande Conflito”, em *Manual de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, ed. Raoul Dederen (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), 969–1009; e Norman Gulley, *Teologia Sistemática*, vol. 1, *Prolegômenos* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2003), 387–453. Para uma análise teológica e filosófica fundamentada sobre o tema da grande controvérsia, veja John C. Peckham, *Theodicy of Love: Cosmic Conflict and the Problem of Evil* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2018).
95. White, *Patriarcas e Profetas*; White, *Profetas e Reis*; White, *O Desejado de Todas as Nações*; Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911); White, *O Grande Conflito* (1911). Para um estudo significativo que destaca esse tema nesses cinco livros, veja Joseph Battistone, *O Tema do Grande Conflito nos Escritos de E.G. White* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1978).
96. Ver Lake, *Ellen White Under Fire*, 213.
97. Esses objetivos são o foco deste artigo, mas não esgotam as outras maneiras pelas quais White usou o pluralismo em seus escritos. Por exemplo, ela usou o pluralismo como um motivo na santificação: “Diante dos habitantes dos mundos não caídos e diante dos seres humanos caídos, você deve viver a vida de Cristo, para que os incrédulos sejam compelidos a reconhecer: ‘Eles estiveram com Cristo e aprenderam dele’” (Ellen G. White, “Work While It Is Called Today”, *Review and Herald*, 23 de setembro de 1902, p. 8).

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 55

O termo “mundos” aparece em diversas combinações, como: “outros mundos”, “mundos não caídos”, “mundos não caídos”, “todos os mundos” e “mundos inumeráveis”, todos em um contexto pluralista. Ela também usou o termo “inteligências” das seguintes maneiras: “inteligências de outros mundos”, “inteligências sem pecado” e “inteligências criadas”.<sup>98</sup> Esses termos pluralistas formam o pano de fundo para os temas interconectados em sua abrangente visão de mundo da grande controvérsia: o governo de Deus, a lei, o caráter, o amor, a justiça, a misericórdia, a liberdade, a sabedoria e a obra redentora de Cristo. Além disso, seu uso consistente desses termos retratava inúmeros seres inteligentes, não caídos, que habitam os mundos por todo o universo. O material é bastante extenso e não pode ser tratado exaustivamente aqui. Posso apenas resumir o cerne do ensinamento de White sobre este assunto e apontar onde ela se conecta e se desconecta de outros autores pluralistas sobre o mesmo tema.

Na visão de White, Deus criou o universo antes da criação da Terra, e tudo era “perfeita harmonia” até a rebelião de Lúcifer, que ocorreu ao longo de um extenso período de tempo.<sup>99</sup> “O governo de Deus incluía não apenas os habitantes do céu, mas de todos os mundos que Ele havia criado”, explicou ela, “e Satanás pensou que, se conseguisse arrastar os anjos do céu consigo na rebelião, também conseguiria arrastar os outros mundos”. Essa afirmação, que aparece duas vezes na série “Conflito das Eras”,<sup>100</sup> estabelece os componentes do governo de Deus e leva o leitor de volta ao início da estratégia de Satanás na grande controvérsia. A lei de Deus, Seu caráter, Sua justiça são o fundamento de Seu governo, e Satanás concentrou suas energias em desacreditar a maneira de Deus lidar com o universo. Ele “distorceu Seu plano de governo perante os anjos, alegando que Deus não era justo ao impor leis e regras aos habitantes do céu; que, ao exigir submissão e obediência de Suas criaturas, Ele buscava meramente a Sua própria exaltação”. Assim, “deve ser demonstrado perante os habitantes do céu, bem como de todos os mundos, que o governo de Deus é justo, e a Sua lei, perfeita. Satanás havia dado a entender que ele próprio procurava promover o bem.”

---

98. Essas buscas por palavras foram realizadas em <https://egwwritings.org>, especificando apenas Ellen.

Os escritos de White ao longo de sua vida

99. White, *Patriarcas e Profetas*, 35, ver 33–43.

100. White, *O Grande Conflito* (1911), 497; White, *Patriarcas e Profetas*, 41.

do universo. O verdadeiro caráter do usurpador e seu objetivo real devem ser compreendidos por todos.”<sup>101</sup>

Mas “ele precisa de tempo para se manifestar por meio de suas obras malignas”. Era necessário demonstrar que suas acusações contra a “administração divina” eram falsas. “Todo o universo precisa ver o enganador desmascarado”, então Deus, em Sua “infinita sabedoria”, não destruiu Satanás. “Os habitantes do céu e de outros mundos, por não estarem preparados para compreender a natureza ou as consequências do pecado, não poderiam então ter visto a justiça e a misericórdia de Deus na destruição de Satanás. Se ele tivesse sido imediatamente apagado da existência, eles teriam servido a Deus por medo.” Assim, “para o bem de todo o universo através dos séculos incessantes, Satanás deve desenvolver mais plenamente seus princípios, para que suas acusações contra o governo divino possam ser vistas em sua verdadeira luz por todos os seres criados, para que a justiça e a misericórdia de Deus e a imutabilidade de Sua lei possam ser para sempre colocadas além de qualquer questionamento.”<sup>102</sup> A justiça de Deus é, portanto, central para a metanarrativa da grande controvérsia: “Por que foi permitido que a grande controvérsia continuasse ao longo dos séculos? Por que a existência de Satanás não foi interrompida no início de sua rebelião? *Foi para que o universo pudesse ser convencido da justiça de Deus em Seu trato com o mal*; para que o pecado pudesse receber a condenação eterna.”<sup>103</sup>

Na criação da Terra, com sua “nova e distinta ordem” de seres, todo o universo “demonstrou profundo e alegre interesse”.<sup>104</sup> Estudando a nova raça humana, Satanás trouxe sua rebelião para a Terra, enganou Adão e Eva e mergulhou a humanidade no pecado e na degradação. Todo o universo se encheu de tristeza, mas a promessa de Gênesis 3:15 trouxe esperança e “a grande controvérsia iniciada no céu seria decidida no próprio mundo, no mesmo campo que Satanás reivindicava como seu”.<sup>105</sup> White teve o cuidado de informar seus leitores que os outros mundos observavam a controvérsia com grande interesse: “Foi a maravilha de todo o universo que Cristo se humilhasse para salvar os caídos”.

---

101. White, *O Grande Conflito*, 498.

102. White, *O Grande Conflito*, 498–99.

103. White, *Educação*, 308 (ênfase adicionada). Veja Gullett, *Teologia Sistemática*, 1:442, 446–47, sobre a centralidade da justiça de Deus na grande controvérsia a partir da perspectiva bíblica.

104. Ellen G. White, “Propósito da Criação do Homem”, *Review and Herald*, 11 de fevereiro de 1902, 81.

105. White, *Patriarcas e Profetas*, 69.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 57

“O fato de que Ele, que havia passado de estrela em estrela, de mundo em mundo, supervisionando tudo, suprindo por Sua providência as necessidades de cada ordem de existência em Sua vasta criação — que Ele consentisse em deixar Sua glória e assumir a natureza humana, era um mistério que as inteligências sem pecado de outros mundos desejavam compreender.” Nesse sentido, “o plano de redenção tinha um propósito ainda mais amplo e profundo do que a salvação do homem... era vindicar o caráter de Deus perante o universo.” Portanto, todo o universo observou com intenso interesse enquanto Cristo assumia a humanidade e percorria “o caminho ensanguentado da manjedoura ao Calvário.”<sup>106</sup> Como “testemunhas da controvérsia”, os “mundos não caídos” acompanharam especialmente as “cenas finais do conflito”. Eles “viram com tristeza e espanto Cristo pendurado na cruz” e, assim, “o caráter de Satanás” foi “claramente revelado” tanto aos “anjos” quanto aos “mundos não caídos”.<sup>107</sup>

Este aspecto dos outros mundos observando a controvérsia se desenrolar neste planeta é uma parte significativa do pensamento pluralista de White. Os temas da grande controvérsia, da expiação e dos outros mundos tendem a convergir em seu pensamento. Por que os “habitantes dos mundos não caídos” observaram “com tanto interesse a luta entre o Príncipe da vida e o príncipe das trevas?” Por causa das “questões em jogo”, como o caráter de Deus como governante do universo e Sua lei, Sua justiça, Seu amor, Seu espírito de autossacrifício, Sua maneira de lidar com o pecado e Satanás. “O resultado do conflito teve influência no futuro de todos os mundos, e cada passo que Cristo deu no caminho da humilhação foi observado por eles com o mais profundo interesse.”<sup>108</sup> A morte de Cristo na cruz tornou-se o ponto de virada para os anjos e os mundos não caídos.

Na seguinte declaração abrangente, White expõe o impacto da cruz no universo no contexto da grande controvérsia:

Quando Cristo morreu na cruz, soou o dobre de finados de Satanás. Seus enganos foram observados atentamente pelos habitantes dos mundos ainda não caídos, enquanto ele, disfarçado, agia de tal forma que pensava ser impossível de ser detectado. Mas ele foi deixado à própria sorte.

106. White, *Patriarcas e Profetas*, 68–69.

107. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 758–60.

108. Ellen G. White, “Lições da Vida de Cristo”, *Review and Herald*, 12 de março de 1901, 161.

Seguiu seu próprio caminho, para se condenar por seus próprios atos. E diante da cruz do Calvário ele permaneceu revelado em seu verdadeiro caráter. Quando Cristo chorou. Com a proclamação de “Está consumado”, os mundos não caídos foram assegurados. Por eles, a batalha foi travada e a vitória conquistada. Doravante, Satanás não tinha mais lugar nas afeições do universo. O argumento que ele apresentara, de que a abnegação era impossível para Deus e, portanto, injustamente exigida de Suas inteligências criadas, foi refutado para sempre. As reivindicações de Satanás foram para sempre rejeitadas. O universo celestial foi assegurado em eterna fidelidade.<sup>109</sup>

Na visão de White, então, a cruz representava o fim de um período de prova para a influência de Satanás em todo o universo. Ele foi comprovado como mentiroso e, assim, “o último elo de simpatia entre Satanás e o mundo celestial foi rompido”.<sup>110</sup> Cristo havia vindicado o caráter de Deus em Sua vida e morte diante do universo e, ao fazê-lo, preservou a lealdade do universo. “O braço que ergueu a família humana da ruína que Satanás trouxe à raça por meio de suas tentações é o braço que preservou os habitantes de outros mundos do pecado.” Por causa da obra redentora de Cristo por este mundo, os anjos e os mundos não caídos decidiram a favor do governo de Deus e permanecerão leais a Ele para sempre. White afirmou: “Cristo está mediando em favor do homem, e a ordem dos mundos invisíveis também é preservada por sua obra mediadora.”<sup>111</sup>

É possível detectar em sua discussão sobre os mundos não caídos em relação a para os aspectos da morte de Cristo das teorias exemplar e governamental da expiação, enquanto que para a humanidade pecadora, ela enfatizou o modelo substitutivo penal de expiação.<sup>112</sup> Este é um assunto que merece mais discussão, mas para este artigo basta dizer que White não concordaria com nenhum conceito de múltiplas encarnações/expias para

---

109. White, “Lições da vida de Cristo”, 161.

110. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

111. Ellen G. White, “Estudo Bíblico”, *Review and Herald*, 11 de janeiro de 1881, 81.

112. Para uma breve discussão de Ellen White sobre as teorias da expiação, veja Lake, *Ellen, Branco sob fogo*, 228–30.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 59

extraterrestres.<sup>113</sup> Os mundos não caídos “que não haviam pecado não precisavam da aplicação do sangue de Cristo, mas precisavam ser protegidos do poder de Satanás”.<sup>114</sup> Como foram protegidos? Essa proteção veio do exemplo de Cristo em Seu sacrifício expiatório na cruz, que expôs Satanás e aprofundou profundamente o afeto de todos os seres celestiais por Deus, garantindo assim a lealdade de todo o universo não caído ao governo de Deus. Portanto, foi nesse sentido que a expiação de Cristo alcançou os mundos não caídos distantes e protegeu o universo. A declaração a seguir fornece mais clareza.

sobre este assunto:

A morte de Cristo na cruz garantiu a destruição daquele que tem o poder da morte, aquele que foi a origem do pecado. Quando Satanás for destruído, não haverá ninguém para tentar ao mal; a expiação nunca mais precisará ser repetida; e não haverá perigo de outra rebelião no universo de Deus.

Os anjos atribuem honra e glória a Cristo, pois nem mesmo eles estão seguros a não ser olhando para os sofrimentos do Filho de Deus. É pela eficácia da cruz que os anjos do céu são protegidos da apostasia. Sem a cruz, eles não estariam mais seguros contra o mal do que estavam antes da queda de Satanás. A perfeição angelical falhou no céu. A perfeição humana falhou no Éden, o paraíso da bem-aventurança. Todos os que desejam segurança na terra ou no céu devem olhar para o Cordeiro de Deus. O plano de salvação, que manifesta a justiça e o amor de Deus, oferece uma proteção eterna contra a apostasia.

---

113. Vainio, em sua obra *Cosmologia em Perspectiva Teológica*, resume apropriadamente as visões teológicas contemporâneas sobre extraterrestres e múltiplas encarnações: “1. Estamos sozinhos, não há necessidade de outras economias divinas. 2. Não estamos sozinhos; uma ou mais raças extraterrestres existem.” Nesta segunda categoria, ele identifica quatro subdivisões: “a. Os extraterrestres não são caídos e não precisam de redenção. b. Os extraterrestres são caídos e têm seu próprio caminho para Deus, que é diferente do nosso. c. Os extraterrestres são caídos, mas estão incluídos na obra redentora de Cristo na Terra. d. Os extraterrestres são caídos, mas sua natureza é assumida por Deus em um ato de encarnação em seus próprios mundos” (158-59). Veja sua análise, na qual ele considera qualquer uma dessas posições como possível (157-68).

114. White, “Lições da vida de Cristo, 161.

nos mundos não caídos, bem como entre aqueles que serão redimidos pelo sangue do Cordeiro.<sup>115</sup>

Chalmers reconheceu que o conflito entre o bem e o mal neste planeta "envolve outros objetivos além da simples recuperação da nossa espécie", e que o nosso mundo é, portanto, o "teatro de uma operação tão complexa". Ele confessou ambiguidade quanto a se "nosso mundo rebelde seria a única fortaleza que Satanás possui, ou se seria apenas o ponto único de uma guerra prolongada".<sup>116</sup> White, no entanto, não expressou incerteza quanto à natureza da controvérsia no universo. Para ela, o pecado estava restrito à Terra, e, portanto, a Terra era o "livro de lições do universo"<sup>117</sup> e todos os olhos extraterrestres têm observado a história se desenrolar neste mundo. O espiritualista Thomas Harris também acreditava, curiosamente, que a Terra era um centro onde, atualmente, o Céu e o Inferno convergem, enquanto a natureza humana se mantém em equilíbrio moral entre os dois. Embora essa frase pareça implicar uma grande controvérsia, a visão de mundo espiritualista de Harris a respeito dela está a anos-luz de distância da estrutura bíblica de White para a grande controvérsia.<sup>118</sup>

Joseph Smith também desenvolveu sua própria visão de mundo cosmológica e escatológica singular, que diferia significativamente da visão da grande controvérsia de Ellen White. Uma característica inovadora do pluralismo de Smith é a figura de "Kolob", que é colocado perto do trono de Deus: "Eu o designei para governar todos aqueles que pertencem à mesma ordem daquela sobre a qual tu estás". Isso implicava a noção de que sistemas de planetas são controlados por outros planetas, um conceito não encontrado no pluralismo de White e distinto de sua visão de mundo baseada na guerra.<sup>119</sup>

O evangélico Leitch acreditava que todo o universo tomava nota dos eventos redentores na Terra, o "centro espiritual" do

---

115. Ellen G. White, "O que foi garantido pela morte de Cristo", *Sinais dos Tempos*, 30 de dezembro de 1889, 786.

116. Chalmers, *Uma Série de Discursos*, 200–01. No entanto, Chalmers se aproxima da visão de White sobre o conceito de guerra cósmica, mas sem a precisão que ela adicionou (202–10).

117. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 19; ver também White, *Patriarcas e Profetas*, 154.

118. Harris, *Arcana do Cristianismo*, 5; veja 6–45 para uma combinação de conceitos bíblicos com Espiritualismo Swedenborgiano.

119. *Abraão* 3:3; veja também *Abraão*, 3:9, 12, acessado em 1 de março de 2022, <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/pgp/abr/?lang=eng>; e Paulo, *Ciência, Religião e Cosmologia Mórmon*, 87.

## Pluralidade de Mundos Não Caídos: Ellen White e os Extraterrestres 61

universo,<sup>120</sup> mas ele não o via com uma teologia integrada da guerra cósmica como Ellen White. Diferentemente dos outros pluralistas evangélicos, ela afirmava que essa visão de mundo do conflito cósmico lhe foi revelada, como sua visão da grande controvérsia em 1858.<sup>121</sup> Assim, na visão de White sobre a grande controvérsia entre Cristo e Satanás, encontramos uma estrutura única e original para a pluralidade dos mundos habitados. Somente ela concebeu o pluralismo na tapeçaria detalhada da rebelião de Satanás, da vitória de Cristo e da vindicação do governo de Deus.

Outro aspecto do pluralismo de White que não se encontra em nenhum outro escrito pluralista reside na natureza escatológica do milênio, onde ela explica como Satanás está ligado à Terra: “Aqui [a Terra] será a morada de Satanás com seus anjos malignos por mil anos. Limitado à Terra, ele não terá acesso a outros mundos para tentar e perturbar aqueles que nunca caíram. É nesse sentido que ele está preso: não há mais ninguém sobre quem ele possa exercer seu poder.”<sup>122</sup> Durante o tempo presente, porém, antes da Segunda Vinda, Satanás ainda tem acesso aos mundos não caídos. Mas isso foi limitado desde a cruz: “Seu governo foi exposto diante dos anjos não caídos e diante do universo celestial. Ele se revelou como um assassino. Ao derramar o sangue do Filho de Deus, ele se desarraigou da simpatia dos seres celestiais. Doravante, sua obra foi restringida.”<sup>123</sup> Assim, após a cruz, Satanás foi figurativamente lançado à Terra, no sentido de que os anjos e mundos não caídos não ouvem mais suas acusações (Ap 12:12). Mas durante o milênio, ele é lançado física e geograficamente à Terra.<sup>124</sup>

---

120. Leitch, *A Glória de Deus nos Céus*, 329.

121. Para detalhes sobre esta visão, veja Michael W. Campbell, “A visão do Grande Conflito”, em *The Ellen G. White Encyclopedia*, 853–54.

122. White, *O Grande Conflito*, 659.

123. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

124. Ver Robert W. Olson, “Satan Limited to the Earth”, 11 de dezembro de 1984, 4B-10a, Arquivo de Perguntas e Respostas, Ellen G. White Estate, Silver Spring, MD, acessado em 6 de junho de 2022, <https://ellenwhite.org/media/document/10078>.

## Resumo e Conclusão

As características únicas da pluralidade de mundos habitados de Ellen White podem ser resumidas em dez pontos: (1) a metanarrativa da grande controvérsia é a estrutura para sua compreensão dos mundos não caídos no universo; (2) Deus não destruiu Satanás no início de sua rebelião, mas permitiu que ele revelasse ao universo seu verdadeiro caráter; (3) o plano de redenção envolveu não apenas este mundo caído, mas todos os mundos não caídos em todo o universo; (4) os mundos não caídos observam com o maior interesse a grande controvérsia que se desenrola neste mundo; (5) os mundos não caídos observaram com intenso interesse os eventos da vida de Cristo e, especialmente, sua morte na cruz; (6) por meio do sacrifício de Cristo na cruz, os mundos não caídos descobriram o verdadeiro caráter de Satanás; (7) Satanás perdeu toda a simpatia no universo e toda a influência sobre os mundos não caídos após a cruz; (8)

Satanás ficará preso à terra durante o milênio e, portanto, não poderá mais viajar fisicamente para os outros mundos; (9) Cristo vindicou o caráter de Deus em Sua morte na cruz e mostrou que o fundamento do governo de Deus é o amor, a misericórdia e a justiça; (10) a resolução da grande controvérsia traz uma nova e renovada compreensão do caráter de Deus e de Seu governo para todo o universo e a rebelião nunca mais se levantará.

Esses pontos, em conjunto, representam a visão pluralista na mente de Ellen White. Os outros escritores pluralistas que compartilhavam ideias semelhantes apresentaram apenas parte de um quadro. Suas reflexões sobre os céus estrelados os inspiraram com diversas aplicações teológicas, e eles tentaram apresentar, da melhor maneira possível, peças aqui e ali de um quebra-cabeça teológico pluralista. Com base em suas visões, Ellen White reuniu todas as peças teológicas de um quebra-cabeça pluralista e criou uma imagem do que ela entendia como realidade no universo.

Não há evidências de que Ellen White tenha copiado ou tomado emprestado quaisquer palavras ou frases de seus contemporâneos pluralistas. Como documentado acima, ideias paralelas podem ser encontradas entre Ellen White e os pluralistas evangélicos, mas a trama que une as declarações pluralistas de White — o tema da grande controvérsia — é suficientemente detalhada e consistente para se apresentar como uma demonstração excepcional do pensamento pluralista cristão. É comparável à dos espiritualistas,

Os mórmons e os evangélicos, mas, no fim das contas, é algo único e original de Ellen White.

Em conclusão, este artigo demonstrou que o propósito do pluralismo teológico de Ellen White era apresentar aos seus leitores as questões da grande controvérsia entre Cristo e Satanás, esclarecer o impacto cósmico da obra redentora de Cristo na Terra e mostrar como todo o universo não caído está envolvido no resultado da controvérsia.

Versículo. Também foi demonstrado que, embora o pluralismo de White apresentasse diversas semelhanças com os pluralistas teológicos calvinistas de sua época, ela propôs um pluralismo original e inovador, enraizado na estrutura soteriológica e escatológica do tema de sua grande controvérsia. A característica distintiva desse tema era a vindicação do caráter de Deus perante todo o universo — anjos, humanidade e as miríades de mundos não caídos.

Ao final de seu livro, *O Grande Conflito*, a grande conclusão da série “O Conflito dos Séculos”, Ellen White descreveu, em linguagem comovente, como os redimidos visitarão outros mundos, “mundos que vibravam de tristeza diante do espetáculo do sofrimento humano e ressoavam com cânticos de alegria ao receberem a notícia de uma alma redimida”. Com o plano de redenção completo, os “filhos da Terra entram na alegria e na sabedoria dos seres não caídos” e “compartilham os tesouros do conhecimento e da compreensão adquiridos ao longo dos séculos na contemplação da obra de Deus”.<sup>125</sup> Com isso, ela completou o ciclo de seu encontro visionário com outro mundo em 1849, cerca de sessenta anos antes, quando lhe foi prometido que, se fosse fiel, um dia teria a alegria de visitar outros mundos no universo de Deus. Para Ellen White, então, o pluralismo era, de fato, uma promessa de alegria e descoberta por toda a eternidade.

---

125. White, *O Grande Conflito*, 677.